

A CONCEPÇÃO HISTÓRICA DE ROGELIO FRIGERIO

Leonardo da Rocha Botega¹

CAFW/UFSM

E-mail: leobotega@brturbo.com.br

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise das concepções de um dos principais intelectuais do movimento *desarrollista* na Argentina, Rogelio Frigerio. O projeto *desarrollista*, o desenvolvimentismo argentino, que buscava a intensificação da industrialização argentina, visando à superação do subdesenvolvimento, foi colocado em prática durante o governo Arturo Frondizi (1958-1962), onde Frigerio cumpriu importante função, primeiramente como Secretário de Assuntos Econômicos e Sociais, depois, como organizador do grupo informal que definia as estratégias do governo, a USINA. Aqui buscase destacar a influência da dialética hegeliana nas formulações de Frigeiro, sobretudo, na sua busca por demonstrar o caráter científico das concepções *desarrollistas*.

Palavras-chave: Rogelio Frigerio, desarrollismo, dialética hegeliana, governo Arturo Frondizi, método histórico.

ABSTRACT

This article proposes an analysis of the conceptions of a major intellectual in *desarrollista* movement in Argentina, Rogelio Frigerio. The *desarrollista* project, the Argentine developmentalism, who sought intensified Argentine industrialization, aimed at overcoming underdevelopment, was put into practice during the Arturo Frondizi government (1958-1962), where Frigerio played an important role, first as Secretary of Economic Affairs and social, later, as an organizer of the informal group that defined the strategies of government, the USINA. Here sought to highlight the influence of Hegelian dialectics in Frigeiro's formulations, especially in his quest to demonstrate the character of scientific *desarrollistas* conceptions.

Keywords: Rogelio Frigerio, desarrollismo, Hegelian dialectic, Arturo Frondizi government, historical method.

Em 1º de maio de 1958, ganha impulso um significativo processo de debates sobre os rumos do desenvolvimento argentino. Na ocasião tomava posse o presidente Arturo Frondizi e a sua tentativa de colocar em prática o projeto *desarrollista*, o

¹Professor de História do Colégio Agrícola de Frederico Westphalen/Universidade Federal de Santa Maria. Licenciado em História e Mestre em Integração Latino-americana pela Universidade Federal de Santa Maria.

desenvolvimentismo argentino, que buscava a intensificação da industrialização argentina, visando à superação do subdesenvolvimento. Tal processo foi interrompido em 29 de março de 1962 por um Golpe de Estado, porém deixou marcas significativas no país, sobretudo, no campo intelectual.

É justamente neste campo que a sociedade argentina viu emergir a figura de Rogelio Frigerio. Seja nos debates sobre a política de incentivo a entrada de capitais estrangeiros, naqueles sobre a política petrolífera, ou naqueles sobre a política externa autônoma, lá estavam os fortes argumentos de Rogelio Frigerio, que com certeza pode ser destacado como um dos intelectuais orgânicos do *desarrollismo*¹.

Com militância estudantil no grupo stalinista *Insurrexit*, Frigerio, após uma passagem pelo ramo da especulação imobiliária, negócio herdado de seu pai, passou a ser conhecido no campo intelectual em 1946, como editor da Revista *Qué sucedió en siete días*, um periódico voltado aos principais debates políticos e econômicos do Período Peronista. Porém, foi ao longo dos anos 1950, que Frigerio ganhou destaque como um dos principais expoentes de um grupo que aos poucos desenhavam uma ideologia que visava inserir o desenvolvimento no centro dos debates políticos argentinos, tendo inclusive reaberto a Revista *Qué*.² Faziam parte deste grupo Arturo Sábato, Ramón Pietro, Marcos Merchensky, Mariano Montemayor, José Maria Rivera, Dardo Cúneo, Arturo Jauretche, Raúl Scalabrini Ortiz, Isidro Odena e Eduardo Catamaro, muitos destes nomes passariam a compor a equipe do futuro governo do presidente Arturo Frondizi. (LUNA, 2010)

No governo frondizista, Rogelio Frigério desempenhara inicialmente a função de Secretário de Assuntos Econômicos e Sociais, sendo obrigado a renunciar em fins de 1958, por pressão do setor *gorilista*³ das forças armadas. Conforme Gómez, “*la renuncia de Frigerio abrió una herida grave en la alianza con el sindicalismo peronista*”. (2004, p.65). Durante o processo eleitoral, Rogelio Frigerio foi quem articulou o apoio de Juan Domingos Perón a candidatura de Arturo Frondizi. Desde a Revolução Libertadora de

¹Conforme a concepção gramsciana os intelectuais orgânicos “são responsáveis pela criação e cristalização dos sistemas de valores e sistema de saber nas sociedades”. (WASSERMAN, 2009, p. 274). A partir desta função, os intelectuais orgânicos propagam ideologias que entram em conflitos pela disputa da hegemonia da sociedade, sendo, portanto, agentes participes da luta de classes. (GRAMSCI, 1982).

² A revista *Qué sucedió en siete días* fora fechada pelo Regime Peronista em 1947, na ocasião Frigerio já não fazia parte da equipe do periódico por divergências em relação aos excessos antiperonistas que o mesmo vinha tomando. Frigerio reabrirá a Revista em 1956, Ver: LUNA (2010); DIAZ (1977).

³ O termo gorila é uma forma popular de identificar as posições alinhadas ao campo ideológico da direita na cultura política argentina. No contexto do governo Arturo Frondizi era como eram chamados os golpistas, sobretudo, no terreno das forças armadas.

1955, o peronismo, mais representativa força política da Argentina, estava proscrito e com seu líder exilado, portanto, estava sem condições de participar legalmente do processo eleitoral. A partir de um acordo fechado nos últimos momentos da campanha eleitoral que garantia a retira futura da proscricção, Perón apoiou a proposta de Frente Nacional-Popular esboçada por Frondizi. Tal fato foi decisivo para a vitória do candidato *desarrollista*.¹ Porém, o pacto tinha suas fragilidades, sobretudo, nas diferenças de concepções sobre o papel do capital estrangeiro no desenvolvimento nacional e diante das primeiras medidas do governo frondizista visando à atração deste os peronistas se insurgiram em fortes greves que despertaram a reação dos *gorilas* contra Rogelio Frigerio, que possuía um bom transito entre os seguidores de Perón, tendo assumido o papel de negociador do governo com os grevistas. Porém, mesmo sem cargo oficial, Frigerio irá organizar uma espécie de gabinete extraoficial da presidência, montando uma equipe de intelectuais apelidada de USINA, por ser “*la fábrica, la fuente de toda la energia, de todas las ideas, de todas las estrategias del gobierno*”.(GÓMEZ, 2004, p. 82).

Assim, podemos ver destacar que Rogelio Frigerio foi um dos principais elaboradores da doutrina *desarrollista* e nem mesmo após a queda do presidente Frondizi deixou de elaborar sua crítica às políticas econômicas adotadas a partir deste ponto de vista, chegando inclusive a ser candidato à presidência da República, pelo Movimiento de Integración e Desarrollo (MID), nas eleições vencidas por Raul Afonsin em 1983. (LUNA, 2010)

Uma vez apresentado nosso “personagem-intelectual”, cabe agora destacar as suas ideias. Tendo em vista que a matriz ideológica do *desarrollismo* era a “crença na industrialização como a chave para a superação do subdesenvolvimento e da crise econômica argentina” (BOTEGA, 2010, p.172). Esta concepção industrializante possuía uma relação profunda com as concepções construídas pela Comissão Econômica para a América Latina - CEPAL, órgão criado junto a ONU em 1949, cujo principal expoente foi o argentino Raul Prebisch. A influência da CEPAL sobre os *desarrollistas*, porém, não deve ser superestimada. As relações entre *desarrollistas* e cepalinos foi marcada por fortes tensões, principalmente ao longo da segunda metade dos anos 1955, quando Prebisch

¹ Em uma análise do papel decisivo do apoio de Perón na eleição de Frondizi: “O pacto Frondizi – Perón representou um acerto para quem tinha como pretensão chegar à presidência, mas também, demonstrou a forte liderança de Perón. Os quatro milhões de votos recebidos por Frondizi representavam 45% dos eleitores, uma ampla maioria tendo em vista os 2,5 milhões de votos, 29% dos eleitores, tidos por Balbín. Nem mesmo os 800 mil votos em branco, sobretudo, de peronistas que não acataram a ordem do general, serviram de alerta quanto à fragilidade do pacto.” (BOTEGA, 2009, p.318).

ocupou o Ministério da Economia na Revolução Libertadora e adotou um programa de estabilização ortodoxo que foi intensamente criticado por Frigerio e Frondizi. Para os *desarrollistas*, a visão da CEPAL carecia de uma profunda leitura histórica das raízes do atraso argentino. Assim, para *desarrollistas* o que diferenciava as concepções da CEPAL das suas concepções era o fato de que as suas estavam ancoradas em uma visão histórica do desenvolvimento econômico argentino.¹ Frigerio foi um importante formulador desta visão histórica.

1. A DIALÉTICA HISTÓRICA DE FRIGERIO

Apesar de não ter formação de historiador, no sentido específico do tema, Rogelio Frigerio fazia muito uso da história, chegando inclusive a escrever *Síntesis de la Historia Crítica de la Economía Argentina*. Na sua defesa do projeto *desarrollista*, em diferentes momentos e situações, Frigerio utilizava o argumento de que a história era a base de onde partia o seu entendimento da realidade. Tal fato pode ser visto em sua análise das condições que levaram a ascensão do projeto *desarrollista* ao governo, escrita no calor dos debates travados no ano de 1959:

Los sucesos no son ecuaciones aisladas, sino elabores de una cadena sin fin. Hay una raíz histórica que explica cada fenómeno contemporáneo y sin explorar esa raíz, es muy difícil comprenderlo cabalmente. Los hechos particulares integran una idea que en nuestra historia se expresa en un proceso contínuo hacia la integración y afirmación de la personalidad nacional. Un proceso en el cual cada etapa tiene su valor imperecedero y prepara los supuestos de la siguiente, de modo que la antítese de hoy se resuelve en la síntese de mañana. De nada sirve negar lo que fué y, menos, pretender extirparlo de la historia.(...) Somos hijos de la historia en su devenir permanente; hijos de toda la historia, no solamente de la que nosotros eligimos o preferimos.(...). (FRIGERIO, 1959, p.26)

Na sequência, Frigerio complementa que a *“la luz de este método deberá leerse este libro y sólo con la ayuda cobrará plena significación cada una de las afirmaciones que contiene”* (1959, p.26). O livro em questão era *“Las Condiciones de la Victoria: Manual de Política Argentina”*. Porém, o que chama atenção na citação acima é o destaque dado ao debate referente a uma filosofia nacionalista da história.

Em vários momentos de suas análises, Frigerio destacou o caráter científico da proposição *desarrollista*, afirmando o método de análise da realidade como o grande

¹ Frigerio debate profundamente as suas diferenças, e as diferenças do *desarrollismo*, com os Cepalinos na entrevista que concedeu a Fanor Diaz que originou o livro *“Convecaciones con Rogelio Frigelio”*. Ver: DIAZ (1977).

diferencial desta em relação às análises que se pautavam meramente pelo sectarismo da luta política. A crítica a este sectarismo fez com que o governo Frondizi adotasse uma estratégia política que tinha como ponto de partida a falsidade da antinomia peronismo-antiperonismo, colocando a questão do desenvolvimento como algo acima da luta política. Tal estratégia fez com que os *desarrollistas* fossem acusados de economicistas ou de terem uma visão excessivamente esquemática da realidade.

Na contraposição a estas acusações, Frigerio, afirmava que *“para el análisis de la realidad nos baseamos en un método que está lejos de ser esquemático, estamos siempre atentos a las mutaciones de la realidad y a las conexiones existentes en los fenómenos.”* (DIAZ, 1977, p.108-109). Novamente o método era enfatizado como diferencial, cabendo destacar que, para Frigerio, as ciências sociais, do qual a ciência econômica fazia parte, deveriam se abordadas com *“un método que les es propio.”*(1979, p.13)

Assim, no que diz respeito aos processos sociais, mais especificamente os processos econômicos:

El método para abordar esos procesos, partiendo de la observación, consiste en aislar mediante la abstracción lo esencial de lo accesorio; en determinar las regularidades, conexiones e interdependencias de los fenómenos y con ese material identificar las leyes económicas. La causalidad en la ciencia económica, como en general en las ciencias sociales, difiere de la que es propia de la física. En la economía no hay una ley como la de gravedad, que no puede sino verificarse en la totalidad de los casos particulares. Pero en la economía, dentro del marco histórico que la condiciona (es también una ciencia histórica), existen esas regularidades, aun cuando de un modo estadístico o tendencial. (...). Y así como las leyes económicas son tendenciales son también objetivas, esto es, se verifican en la realidad con independencia de la voluntad humana; voluntad que no puede inferir ante el hecho de que tal causa producirá tal efecto. Pero son leyes cuyo conocimiento es indispensable para que esa voluntad ni se frustre navegando contra la corriente ni quede inerte, esto es, para que sea posible una orientación consciente del proceso económico. (FRIGERIO, 1979, p.14)

A lógica de que o conhecimento das leis econômicas serviria para a uma orientação consciente do processo econômico, também é vista na concepção de história exposta por Frigerio, alias, como se pode ver acima, a própria economia era vista como uma ciência histórica, não podendo ser entendida sem levar em conta o marco histórico que a condiciona. Assim, a história tem um papel fundamental na compreensão e elaboração das políticas econômicas.

Nesse sentido, o objetivo de fazer uma histórica crítica não é somente buscar os fatos verdadeiros numa perspectiva convencional, mas sim, encontrar em meio a estes fatos um *“hilo conductor”*, tendo como sentido *“tejer un cañamazo con los*

acontecimientos fundamentales a fin de que luego sea fácil ubicar las hebras dando forma y color a nuestra realidad, haciéndola comprensible y viva". Tal sentido tornaria a história "*una base para elaborar nuevas respuestas teóricas, cada vez más afinadas y cada vez más operantes para actuar sobre los nuevos hechos y las nuevas situaciones.*" (FRIGERIO, 1979, p.11-12)

Esta concepção da história e da economia como fontes do despertar de uma consciência para atuar com racionalidade diante dos processos sociais, entendidos em um sentido amplo, remete novamente a perspectiva do intelectual orgânico Rogelio Frigerio, uma vez que este postula a teoria uma função social e, indo mais longe nessa perspectiva, utiliza-se desta para formular, planejar e organizar um programa de ação política, no caso o *desarrollismo*. Ao mesmo tempo, vários conceitos utilizados por Frigerio nos aproximam de seu referencial teórico. A noção de processo histórico, onde cada etapa prepara a etapa seguinte "*de modo que la antítese de hoy se resuelve en la síntese de mañana*", bem como, a noção de sujeitos históricos determinados pelo passado, "*hijos de la historia en su devenir permanente*", aponta para uma concepção dialética da história. Porém, uma dialética não marxista.

A crítica de Frigerio ao marxismo remetia a falta de uma essência nacional no materialismo histórico, o que levava esta teoria a superestimar a luta de classes. Tal fato gerava no comunismo "*esa enfermedad incipiente que es el extremismo*". Esse extremismo rivalizava com o liberalismo utópico, de forte tradição na Argentina, que "*aprende de memoria la historia del liberalismo británico y la tanslada mecánicamente a nuestro país, geográfica, económica y políticamente opuesto a la Inglaterra*". O Marxismo, por sua vez, "*finge la inminencia del soviet, invoca la dictadura del proletariado y exige la socialización de los medios de producción y de cambio antes que el capitalismo nacional los hubiera creado.*" (FRIGERIO, 1959, p.117-118). Assim, enquanto o liberalismo impunha um programa concretizado em um dado contexto de forma mecânica à realidade argentina, o materialismo histórico propunha o fracionamento da sociedade. Na oposição a estas duas proposições é que Frigerio reencontra a dialética hegeliana.

No livro de Albino Gómez (2004), uma mescla de análise política com trechos de seu diário pessoal do período em que exerceu a função de assessor do presidente Arturo Frondizi, é muito comum vermos referências ao hegelianismo de Rogelio Frigerio. Em muitos momentos o principal intelectual da USINA era visto acompanhado da "Lógica"

ou da “Fenomenologia do Espírito” entre outras obras do filósofo alemão.¹ Tal referência é feita pelo próprio Frigerio respondendo as perguntas do Fanor Diaz:

Nosotros concordamos con todo el desarrollo conceptual que se hace a partir de algunos pensadores de la ilustración y en especial a partir del pensamiento hegeliano. A partir de eso la ciencia de hoy, la antropología, la sociología y en general las llamadas ciencias “de la cultura” han podido superar la concepción elitista y limitante del renacentismo. (...) (1977, p.107).

Em sua concepção histórica Hegel promoveu uma importante ruptura ao introduzir na tradição racionalista do Iluminismo o método dialético. As origens do método dialético, tal como será visto em Hegel e posteriormente em Marx, está presente no pensamento de Heráclito. O filósofo grego propunha que “o mundo explica-se não apesar das mudanças de seus aspectos, muitas vezes contraditórios, mas exatamente por causa dessas mudanças e contradições”. Assim, a unidade do mundo e a sua transformação eram frutos da divergência e da contradição. A partir destas proposições, Heráclito trouxe a tona conceitos fundamentais para o método dialético tais como: tensão dos contrários, contradição e mudança. (ABRÃO, 2004).

Estes conceitos serão retomados por Hegel na busca de seu objetivo de “compreensão do presente a partir da explicação do sentido do desenvolvimento histórico”, tendo como objeto a realidade e seu processo de mudança. Dessa forma, pretende desenvolver a inserção consciente do espírito na totalidade, que ele chama de o absoluto. Este absoluto nada mais é do que “o resultado de um processo histórico rico de contradições, através do qual o espírito foi se manifestando”. (ABRÃO, 2004, p. 352). Para Hegel a “história universal é a representação do espírito no esforço de elaborar o conhecimento de que ele é em si mesmo” que leva ao “progresso da consciência da liberdade” (2008, p.24-25).²

Este progresso da consciência de liberdade, entendido como o objeto da história, segue o seguinte caminho: “surge o conhecimento, o espírito começa a descobrir os pontos relevantes e, finalmente, alcança a consciência total.” (HEGEL, 2008, p.50) Esta

¹ Um episódio relatado por Albino Gómez que merece destaque foi o do pedido de renúncia do Ministro da Economia Roberto Alemann em 06 de janeiro de 1962. Sobre este Gómez relata: “*Recuerdo cuando Alemann renunció invocando ‘cansancio moral’, el presidente me pidió que le llevara copia del texto de la renuncia a Frigerio. Así lo hice, y el comentario de Frigerio ante el motivo de la renuncia fue ‘¿ahora es existencialista?’ Los hegelianos no aprecian al existencialismo. Frondizi volvió a reírse recordando el comentario*”. (GÓMEZ, 2004, p.152)

² O ano de 2008 se refere a edição utilizada pelo autor do presente texto. A obra original foi publicada em 1837.

consciência total é representada naquilo que Hegel identifica como “a forma que é a realização completa do espírito na existência: o Estado”. (2008, p.23).

Para Hegel,

(...) O Estado é o que existe, é a vida real e ética, pois ele é a unidade do querer universal, essencial, e do querer subjetivo – e isso é a moralidade objetiva. O indivíduo que vive nessa unidade possui uma via ética, tem um valor, o único valor que existe nessa substancialidade. (...) Na história universal só se pode falar dos povos que formam um Estado. É preciso saber que tal Estado é a realização da liberdade, isto é, da finalidade absoluta, que ele existe por si mesmo; além disso, deve-se saber que todo valor que o homem possui, toda realidade espiritual, ele só o tem mediante o Estado. (...) No Estado, o universal está nas leis, em determinações gerais e racionais. Ele é a ideia divina, tal qual existe no mundo. Ele é assim o objeto mais próximo da história universal, no qual a liberdade recebe a sua objetividade e usufrui dela. (...) Quando o Estado, a pátria, constitui uma coletividade da existência, quando a vontade subjetiva do homem se submete às leis, a oposição entre liberdade e necessidade desaparece. (2008, p.39-40)

Desta forma, é o Estado a instância máxima de realização da comunidade humana e a ele se ligam a religião, a filosofia e a arte, sendo a cultura o princípio geral que nele se manifesta, tornando-se o objeto da consciência. Porém, se a cultura é o objeto da consciência o conteúdo e a forma desta é determinada pelo “espírito do povo”. Para o autor alemão, este “espírito do povo é um espírito particular e determinado”, sendo também “determinado pelo grau de seu desenvolvimento histórico”. (HEGEL, 2008, p.50)

Retornando ao pensamento de Rogelio Frigerio, as sua influência hegeliana é evidenciada em várias passagens e manifestações em defesa de sua concepção *desarrollista*, sobretudo, em seus conceitos de nação, Estado e cultura nacional. Porém, a novidade do hegelianismo de Frigerio foi à inclusão da ideia de desenvolvimento naquela concepção. Para este inclusão conceitual, ancorado na visão hegeliana de Estado, Frigerio afirma que:

El órgano jurídico que sostiene y defiende la unidad social es el Estado nacional. El Estado nacional es otro elemento dinámico de la integración, que debe ser fortalecido como condición esencial. El imperio del derecho, igual para todos, es su pilar filosófico y práctico. Se construimos las bases materiales de nuestro desarrollo, tendremos estabilidad social y política y la democracia podrá desenvolverse en profundidad para garantía de toda la Nación, sin excluir a sus masas profundas que constituyen el cimiento más sólido. (1959, p.38)

Frigerio considera o desenvolvimento como fator essencial para a integração nacional e o fortalecimento dos valores democráticos e da estabilidade social, que em última instância é garantida pela solidificação das estruturas estatais. Porém, para que o

desenvolvimento e a integração nacional se consolidem outro fator determinante é a própria cultura nacional, conceito que Frigerio aproxima da noção exposta por Hegel de “espírito do povo”.

No conceito de cultura nacional de Frigerio se insere a sua visão de que a *“cultura es la filosofía, la ciencia y la arte, pero también es la forma en que los pueblos trabajan los materiales de que sirven la forma en que se visten y se alimentan, las formas de su trabajo y de su ocio”*. (DIAZ, 1977, p.107) Nesse mesmo conceito se insere também a sua visão de nação como *“una categoría que abarca, integra y armoniza en su universalidad a todas las regiones, grupos sociales, actividades económicas y las corrientes ideológicas y políticas”*. (FRIGERIO, 1959, p. 36).

Em suas relações, conforme Frigerio, não há oposição entre a cultura nacional e a cultura universal, pois, não há cultura universal abstrata, este se manifesta em um espaço de adição das formas vernáculas, daquelas formas profundamente locais e nacionais.

Neste sentido,

(...) Los pueblos forjan su cultura dentro de las pautas más vastas de la civilización universal, en tanto cada vez están más intervencidas, pero la desenvuelven en los marcos de sus propios recursos naturales, su paisaje, su modo de vida, sus tradiciones, sus inclinaciones estéticas y sus modos de razonamiento. De allí nosotros afirmemos la existencia de una cultura nacional de un genio de un perfil nacional; y que hagamos de ella uno de los basamentos de nuestro pensamiento y de nuestra lucha política. (FRIGERIO, 1979, p.107)

Esta concepção de Frigerio afirma duas teses centrais do hegelianismo. A primeira é a ideia do fundamento geográfico da história universal, segundo o qual o contexto natural “ajuda a produzir o espírito de um povo”. A segunda tese é a que vê a cultura como objeto de consciência, que ao se desenvolvendo eleva o desejo por uma constituição de uma unidade nacional integrada, garantidora da liberdade e das necessidades humanas.

A partir desta concepção, Frigerio, analisa o fracasso do programa *desarrollista*, aplicado pelo governo do presidente Arturo Frondizi, a falta de uma cultura nacional integrada que, por sua vez, significava também a falta de uma consciência nacional. Tal fato levava os grupos sociais a colocarem os seus interesses imediatos acima da integração nacional necessária ao desenvolvimento e a superação do subdesenvolvimento argentino. Este comportamento não permitiu ao povo argentino separar os interesses comuns à nação que levariam ao desenvolvimento integrado,

permitindo a implementação de uma lógica que permitisse a cada classe social extrair o seu ganho. (DIAZ, 1979)

Na crítica a estes comportamentos políticos é que identificamos as ideias do intelectual argentino sobre o nacionalismo e a luta de classes, dois conceitos pertencentes a principais formas de crítica a organização capitalista no contexto em que se inseria o governo frondizista.

No que diz respeito ao nacionalismo, o tema estava intimamente ligado ao papel do capital estrangeiro na economia argentina. Na herança recebida da Revolução Libertadora pelo governo Arturo Frondizi constava um enorme estrangulamento na balança de pagamentos. Para enfrentar esta questão o programa *desarrollista* desenvolveu como tese central a concepção de que este estrangulamento decorria do subdesenvolvimento das indústrias básicas, que levava o país a importar os materiais industriais essenciais, tais como aço, papel de imprensa e produtos químicos. Ao mesmo, esta situação se agravava com o déficit da produção petrolífera argentina, que gerava a necessidade de importações de combustíveis. Nesse sentido, era urgente expandir a capacidade produtiva do país e diante da insuficiência de capitais nacionais, a estratégia *desarrollista* indicava que o financiamento desta expansão “repousava na entrada maciça de capital estrangeiro e num aumento da taxa interna de poupança, mediante a transferência de renda dos setores populares aos grupos de rendimentos elevados”. (FERRER, 2006, p.184) Assim, a atração de capitais estrangeiros era essencial para o sucesso da política econômica frondizista, ao mesmo tempo em que se tornou um dos temas mais caros para o governo do presidente Arturo Frondizi.

No centro deste debate estava a definição da questão nacional argentina que, ao longo das décadas que antecederam o governo Frondizi, dividia o país entre os liberais e os nacionalistas, sendo que esta segunda vertente ganhou uma forte dimensão popular a partir dos anos 1940 com a ascensão do peronismo.

Para Frigerio, o peronismo foi o responsável pela nacionalização do movimento operário argentino, se constituindo na grande frente nacional, “*el crisol integracionista que unificó a la clase trabajadora con todos los sectores de la población que anhelaban refirmar la soberanía nacional*”, tendo assim, “*la virtud de ligar las luchas históricas del proletariado con la tradición nacionalista que anima al pueblo argentino desde su formación (...)*”. (1979, p.180-181)

Porém, se, por um lado, o peronismo inseriu a classe operária na política nacional argentina, por outro lado, carecia de duas condições suficientes e necessárias, não tinha nem política econômica, nem coesão doutrinária. Assim, a propaganda “doutrina nacional” do general Perón não tinha existência objetiva, outro conceito hegeliano utilizado por Frigerio, o que era evidenciado “*por el permanente caos político doctrinario que caracterizó al peronismo, inclusive en sus épocas de esplendor.*” (FRIGERIO, 1979, p.185)

Estas críticas à inexistência objetiva da doutrina peronista ganhou um maior significado à medida que em este passará de aliado político fundamental para a condição de opositor ferrenho da política econômica *desarrollista*, sobretudo, por considerar antinacional a política de incentivos a atração de capitais estrangeiros.

Este nacionalismo era criticado por Frigerio, pois em sua compreensão,

(...) El nacionalismo económico, si quiere realizarse en los hechos, si quiere superar la retorica, tiene que atraer al capital extranjero.

En el subdesarrollo no hay condiciones suficientes de acumulación e inversión, y no las hay especialmente para aportar la gran masa de capital fijo inicial que requiere la instalación de las industrias básicas y la construcción de las obras de infraestructura. (...).

En consecuencia el razonamiento debe partir de la necesidad de los capitales extranjeros, para que no caigamos en una literatura inconducente sobre las bondades del ahorro nacional. Hay que estimular la inversión proveniente de ahorro nacional, y orientarla hacia las actividades más convenientes para el país. Pero la complementación del aporte de financiamientos externos es indispensable.

A partir de eso podemos decir que el capital, sea nacional o extranjero, si se aplica a actividades económicas que consolidan la vieja estructura dependiente, es un capital reñido con el interés nacional, aun cuando provenga de las familias patricias argentinas. En cambio, si determinadas por el Estado nacional la estrategia y las prioridades del desarrollo, se aplica el capital nacional o extranjero para resolverlas, nos encontramos ante una función positiva. Yo diría una función profundamente revolucionaria y nacional aunque la cumplan capitales extranjeros. (DIAZ, 1977, p. 112)

Esta compreensão do papel positivo do capital estrangeiro aplicado conforme as estratégias e prioridades do Estado nacional, Frigerio extraiu da influência que o nacional-desenvolvimentismo do presidente Juscelino Kubitschek exerceu sobre a intelectualidade argentina, e acima de tudo, da elaboração feita por Helio Jaguaribe em sua obra “O Nacionalismo na atualidade brasileira”, lançada em 1958.

Hélio Jaguaribe, analisando a realidade brasileira, definia que o nacionalismo “não é expressão de nossas peculiaridades, nem simples expressão de características nacionais”, sendo sim “um meio para atingir um fim: o desenvolvimento.” Assim, “é indispensável elucidar todos os equívocos tendentes a confundir com o nacionalismo o

fato de serem nacionais os agentes ou recursos empregados para a obtenção de um fim qualquer.” Nesse sentido, era fundamental distinguir o nacionalismo de meios e nacionalismo de fins. Enquanto que o nacionalismo de meios se prende a negação de qualquer capital estrangeiro, o nacionalismo de fim, ao reconhecer que sua finalidade é o desenvolvimento procura se utilizar “de todos os meios apropriados, seja qual for à origem dos agentes, desde que, nas condições concretas, se revelem os mais eficazes.” (JAGUARIBE, 2005, p.52-53)

Ao analisar a conjuntura das reações contra a política petrolífera do governo Frondizi, que abria a exploração de petróleo para o capital estrangeiro¹, Frigerio utilizaria esta mesma contraposição entre o nacionalismo de meios e o nacionalismo de fins, considerando as posições que se opunham a essa política como nacionalistas de fins:

(...) Había campo fértil para el error ideológico del nacionalismo de medias, que se consiste en no advertir que esencial es que los fines sean nacionales – en este caso el autoabastecimiento – y que pueden no ser nacionales los medios, los instrumentos, para conseguir esos fines irrenunciables.(...). (FRIGERIO, 1977, p.48)

Assim, era fundamental para Frigerio que o nacionalismo, a partir do método dialético, “*aislar mediante la abstracción lo esencial de lo accesorio*”, no caso o essencial era o desenvolvimento, enquanto que o acessório era a origem dos fatores e recursos indutores deste. Tal compreensão não entrava em contradição com a atração de capitais estrangeiros, pois em sua concretude concluída que o “*que determina el signo positivo o negativo del capital no es su origen, sino su destino.(...)*.” (DIAZ, 1977, p.112)

Na sua análise do conceito de luta de classes, Rogelio Frigerio dirigia suas críticas ao comunismo, a quem contrapunha com a ideia de Unidade Nacional. Para Frigerio, a luta de classes não é uma concepção viável, pois, esta impede o reconhecimento do interesse comum entre os trabalhadores e os empresários, qual seja, o interesse nacional. Porém, isso não significa o não reconhecimento da existência de classes sociais.

(...) Nuestro planteo no niega la existencia de las clases. Las clases existen con independencia de la voluntad de sus miembros y más aun con independencia de la opinión de los sociólogos o los políticos. Hay clases porque una parte de la sociedad puede disponer en propiedad de los medios de producción y otra

¹ Nosiglia (1983) define da seguinte forma a política petrolífera do governo Frondizi: “*En síntesis, la filosofía resultaba bastante poco complicada: el país quería desarrollarse industrialmente, para eso necesitaba combustibles, como estos estaban bajo tierra había que sacarlos, en una tarea que exigía recursos que la Nación no poseían: pues bien, el capital privado exterior sería el que aportaría esos recursos. (...)*” (p.90).

enorme parte tiene que vender su fuerza de trabajo para subsistir. (...). (DIAZ, 1977, p.56)

A definição de Frigerio para a existência das classes sociais, bem como, para causa desta existência a partir da divisão da sociedade entre os que detêm os meios de produção e os que vivem apenas da venda de sua força de trabalho demonstra a influência do pensamento de Karl Marx. Porém, a influência marxista para nessa definição.

Rogelio Frigerio não via a oposição entre a classe operária e o empresariado nacional como o grande mal do capitalismo argentino, pois, o “*que para los trabajadores es salario, para los empresarios nacionales es mercado interno*” (DIAZ, 1977, p.56). Esse é o primeiro fato que define a aliança de classes da política *desarrollista*. O outro fato é a luta contra os monopólios das corporações transnacionais.

(...) A las corporaciones no les interesa el desarrollo do mercado interno de producción y consumo, ya que su esquema es transnacional. El interés de ellos es que una porción de nuestro desarticulado aparato productivo se articule a un circuito económico transnacional; el interés de ellos es tener mano de obra barata y desplazar al empresariado local; el interés de ellos es contrario al de los trabajadores, al que los empresarios y al de todos los sectores que componen la comunidad nacional. (DIAZ, 1977, p.57)

Assim, a luta contra o monopólio das corporações transnacionais unifica os trabalhadores e os empresários nacionais, sendo parte da construção de um projeto nacional de desenvolvimento. A concretização deste projeto só pode ser feita pela constituição de uma doutrina nacional e popular que pressupõe a integração da classe trabalhadora na Nação como parte de seu “destino histórico”, pois fora da Nação a classe trabalhadora “*carece de perspectivas y anula las de las demás clases sociales y del pueblo en su conjunto*”. (FRIGERIO, 1959, p. 130)

Novamente Frigerio (1959) destaca o papel da Nação,

(...) En la Nación está la suma de los valores materiales y espirituales que singularizan y unen a la comunidad como una parte del mundo contemporáneo, capacitándola para desempeñar el papel que le corresponde en la historia y en el proceso ininterrumpido del desarrollo humano. La Nación es el continente cuya plenitud presupone el contenido de la totalidad de las clases sociales que la integran. Sin la clase trabajadora, el contenido carece de densidad y homogeneidad, se incapacita para elevar a la comunidad a la altura de su destino. (p. 130-131)

Desta forma, a aliança de classes em torno de um projeto nacional e popular é essencial para que a Nação cumpra seu destino histórico, o desenvolvimento. Tal

concepção tornou-se o guia para a ação *desarrollista* em sua pretensão de ser uma espécie de “Terceira Via” entre o peronismo e o antiperonismo.

Em contraposição a essa polarização é que se impunha, conforme os preceitos *desarrollistas*, a Unidade Nacional. Uma projeto que somente seria possível a partir da vigência integral do direito, a única forma que permite que a Nação seja o “*resultado del libre juego de los diversos elementos de una democracia*”. O direito deveria acabar com a arbitrariedade, “*que engendra el odio, la venganza y la persecución, elementos que han estado y están presentes en nuestro proceso histórico y que impiden el surgimiento de una nación soberana*”. (FRIGERIO, 1959, p.56)

Estas considerações aproximam, novamente, o Estado de Hegel a Nação de Frigerio, demonstrando a influência do pensador alemão nas ideias do intelectual *desarrollista*. Frigerio atualiza a concepção do Estado hegeliano, expressão da totalidade que compõe uma comunidade, em sua ideia de Nação. Dessa forma, a teleologia hegeliana do Estado como expressão máxima da racionalidade é ampliada com o projeto de unidade nacional *desarrollista*.

2. CONCLUSÃO

Na história do pensamento argentino, Frigerio e os intelectuais que compunham o grupo dirigente argentino que comandou o país entre 1958 e 1962, são lembrados como aqueles que inseriam o debate em torno do conceito de desenvolvimento na política nacional. Uma inserção feita a partir da tentativa do convencimento de que seriam portadores de um projeto político ancorado em bases científicas.

Como mais importante membro do grupo intelectual que circundava o presidente Frondizi, Rogelio Frigerio destacou-se nessa tarefa. Foi odiado pelos gorilas do início ao fim do governo *desarrollista*. Passou de aliado e interlocutor privilegiado a condição de traidor pela militância peronista¹. Estes sentimentos demonstravam o clima político do período em que a experiência *desarrollista* foi colocada em prática. Um clima marcado pela polarização peronismo – antiperonismo, pelo ainda presente revanchismo que

¹ E assim será visto novamente em 1976 quando, após apoiar a Frente Justicialista de Liberación e sua fórmula “Cámpora no governo, Perón no poder” em 1973, acabara, juntamente com Frondizi, apoiando o início do governo ditatorial que depôs Isabel Perón. Um apoio dado em nome da necessidade de estabilidade para o desenvolvimento nacional.

marcou a Revolução Libertadora e pelo desejo de reciprocidade do revanchismo por parte dos peronistas.

Ao mesmo tempo, a queda dos salários reais e à perda de participação na renda nacional por parte dos trabalhadores, fruto da política econômica, levou a uma avalanche de greves de resistência sindical. Este fato, aliado ao ímpeto repressor do gorilismo que via no governo Frondizi um governo fraco e recheado de protocomunistas, demonstrou os limites da desejada Frente Nacional e Popular. Limites estes que evidenciavam o idealismo da concepção hegeliana de Frigerio, sobretudo, nas suas ideias de Estado e Nação como detentores dos interesses universais. Uma concepção que leva a criação de um Estado abstrato que paira sobre as classes sociais como uma espécie de espírito que conduz a sociedade ao progresso. Uma concepção criticada por Marx (2010)¹ em sua premissa de que “O Estado é um *abstractum*. Somente o povo é *concretum*.” (p.48)

Uma concepção que fez com que Frigerio, Frondizi e os intelectuais *desarrollistas*, acabassem vítimas de seus próprios equívocos conceituais quando, diante da ameaça de instalação de um governo peronista na província de Buenos Aires², as Forças Armadas, um dos principais setores estatais em qualquer nação, desequilibrou a balança política por estes idealizada em sua proposta de Unidade Nacional. Os militares, que ao longo de todo o governo Frondizi, cumpriram a função de tutela das ações do presidente, demonstram no Golpe de 29 de março de 1962 que, o Estado, em sua dinâmica de classe, é acima de tudo um elemento de preservação do *status quo* que pode muito bem, diante da ameaça de uma ruptura nas estruturas sociais, ir para além de qualquer destino histórico abstrato predeterminado.

Recebido em: 10/10/2012

Aceito em: 10/01/2013

¹ A “Crítica da filosofia do direito de Hegel”, obra aqui referida, tem sua primeira edição em 1843.

² Os peronistas foram vitoriosos nas eleições provinciais realizadas em 18 de março de 1962, tendo ganhado 10 das 14 províncias argentinas que estiveram em disputa naquela data. O mais importante triunfo peronista foi a eleição do dirigente sindical do setor têxtil Andrés Framini na estratégica Província de Buenos Aires.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO, Bernardette Siqueira. **História da Filosofia**. Coleção Os Pensadores. São Paulo-SP: Editora Nova Cultural, 2004.
- BOTEGA, Leonardo da Rocha. A experiência do desarrollismo de Arturo Frondizi na Argentina (1958-1962). In: DI MARCO, Luis Eugênio; ILHA, Adayr da Silva (Org.). **Los Planes Esperanza del humanismo económico: el Continente Americano, una expresión solidaria, un testimonio histórico**. Santa Maria-RS-BRA/Córdoba-Arg.: FACOS/Ediciones CIEC, 2010.
- BOTEGA, Leonardo da Rocha. O intelectual como presidente: desarrollismo e política externa na Argentina de Arturo Frondizi (1958-1962). In: SILVEIRA, Helder Gordin; ABREU, Luciano Aronne de; MANSAN, Jaime Valim (Org.) **História e Ideologia: perspectivas e debates**. Passo Fundo-RS: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2009.
- DIAZ, Fanor. **Conversaciones con Rogelio Frigerio**. Buenos Aires-Arg: Hachette, 1977.
- FERRER, Aldo. **A economia argentina: de suas origens ao início do século XXI**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- FRIGERIO, Rogelio. **Las condiciones de la victoria: Manual de Política Argentina**. Buenos Aires-Arg.: Sociedad Editora Argentina, 1959.
- FRIGERIO, Rogelio. **Síntesis de la Historia Crítica de la Economía Argentina: desde la conquista hasta nuestros días**. Buenos Aires-Arg.: Hachette, 1979.
- GÓMEZ, Albino. **Arturo Frondizi: el último estadista. La vigencia de un proyecto de desarrollo**. Buenos Aires-Arg.: Ediciones Lumieri, 2004.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo: Circulo do Livro, 1982.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da História**. 2ª edição. Brasília: Editora da UNB, 2008.
- JAGUARIBE, Helio. **O nacionalismo na atualidade brasileira**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Educam, 2005.
- LUNA, Félix. El desarrollismo, un proyecto nacional (prólogo). In: **El pensamiento del desarrollismo**. Buenos Aires-Arg: El Ateneo, 2010.
- MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do direito de Hegel, 1843**. 2ª edição revista. São Paulo: Boitempo, 2010.

NOSIGLIA, Julio E. **El desarrollismo**. Buenos Aires-Arg.: Centro Editor de América Latina S.A., 1983.

WASSERMAN, Claudia. Ideologia e política: o papel dos intelectuais orgânicos. In: SILVEIRA, Helder Gordin; ABREU, Luciano Aronne de; MANSAN, Jaime Valim (Org.) **História e Ideologia: perspectivas e debates**. Passo Fundo-RS: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2009.